

TERMINOLOGIAS E CLASSIFICAÇÕES USADAS PARA DESCREVER SEPULTAMENTOS HUMANOS: EXEMPLOS E SUGESTÕES*

Sergio F.S. Monteiro da Silva**

SILVA, S.F.S.M. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16: 113-138, 2005-2006.

RESUMO: A tentativa de uniformização de termos e classificações para descrever e observar contextos arqueológicos de remanescentes esqueléticos humanos tem sido uma preocupação recorrente dos arqueólogos e bioantropólogos. Trata-se de estabelecer quais elementos descritivos são importantes ou essenciais para a análise, reconstrução e interpretação de sepultamentos humanos inseridos em substratos e condicionantes culturais diversos. Entre os exemplos de sugestões encontrados na bibliografia consultada, verificou-se que existe sempre uma incidência de determinadas variáveis dos dados mortuários e que, em determinadas análises, é muito expressiva a correlação e a sinergia entre dados dos restos do corpo, dos acompanhamentos funerários e da cova. Descrever e classificar sepultamentos humanos implica em observar o todo dos vestígios funerários no contexto da deposição, incorporando dados bioarqueológicos.

UNITERMOS: Metodologias – Arqueologia da Morte – Sepultamentos humanos – Contexto arqueológico.

Introdução

A deposição do morto constitui um processo cultural ou uma série de processos pelos quais um grupo humano trata os remanescentes físicos de seus mortos. Os remanescentes desses processos são estudados a partir da sua observação no contexto arqueológico, durante a escavação. Um registro preciso dessa categoria de vestígio arqueológico – em especial o fotográfico –, da disposição dos ossos do esqueleto, dos materiais

associados, forma e distribuição das covas e dos aspectos tafonômicos envolvidos, concorrem de maneira significativa para enriquecer sua descrição, bem como para a reconstrução das etapas do provável processo da deposição do morto e das práticas funerárias do grupo em estudo.

Entretanto, uma complexa variedade de práticas de enterramento tem sido registrada por arqueólogos entre populações extintas. Assim, torna-se difícil elaborar critérios ou normas padronizadas com uma classificação abrangente – *standard* – dessas práticas, uma vez que somente algumas de suas muitas variedades podem ser encontradas em sítios arqueológicos.

A interpretação dos vestígios funerários relaciona-se à natureza de certos aspectos de cada tipo de ritual de sepultamento envolvido. Os itens encontrados

(*) Artigo originado da Dissertação de Mestrado do autor.

(**) Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
sergiomonteiroarq@yahoo.com.br

podem indicar determinadas conformações culturais. Assim, artefatos e outros vestígios inumados podem representar a) itens usados como adornos pessoais, b) itens preparados especialmente para o ritual funerário e c) itens usados para fins utilitários, durante o tempo de vida do falecido e não necessariamente por ele (Breternitz *et al.* 1971:179). Uma reconstrução hipotética de um sepultamento pode conter eventos e evidências relacionados entre si (Tabela 1).

Nesse caso, os acompanhamentos funerários possuem funções possíveis, associadas as razões dos participantes do funeral para sua inclusão na cova. Os ossos raspados de animal podem indicar demonstração de tristeza; o adorno de pescoço uma demarcação de *status* familiar ou grupal ou a eliminação às vistas dos vivos dos bens dos mortos; as lascas e uma lâmina de machado como itens para utilização na vida *postmortem*; o bloco lítico

TABELA 1

Reconstrução hipotética de um sepultamento*	
Eventos	Evidências ou Vestígios
1 - Morte do indivíduo	1 - Não observável; inferida pelos dados osteológicos
2 - Produção de lâminas e um raspador a alguma distância do local do sepultamento	2 - Ausência de sinais de uso em lâminas encontradas em estrutura anômala a alguma distância do sepultamento. Ausência dessas lâminas no interior da cova
3 - Coleta de hematita, limonita e blocos líticos	3 - Não observável
4 - Abertura da cova para o sepultamento	4 - Dado observado <i>in situ</i>
5 - Borrifamento de ocre no fundo da cova	5 - Dado observado <i>in situ</i>
6 - Transporte do cadáver para o local do sepultamento e deposição do mesmo em posição fletida e cabeça voltada para o norte	6 - Posição do corpo, da cabeça e disposição dos membros observáveis <i>in situ</i>
7 - Deposição de artefatos na cova como colar de dente perfurado de animal, osso trabalhado e bloco lítico usado para moer ocre; uso de vestimenta para o corpo do falecido ou para os participantes do funeral; realização de banquete funerário para os participantes	7 - Os artefatos achados <i>in situ</i> estavam depositados junto do úmero esquerdo. Os dentes perfurados de animal estavam alinhados ao redor das vértebras cervicais, sugerindo que foram confeccionados para adornar o cadáver ou já eram adornos pessoais do falecido em vida. Costelas de animais apresentavam sinais de raspagem e estavam depositadas na cova, sobre o corpo. Um bloco lítico encontrado apresenta sinais de uso e intensa pigmentação por ocre
8 - Cobertura do cadáver ou partes do mesmo com ocre	8 - Dado observado <i>in situ</i>
9 - Fogo aceso dentro ou perto da sepultura, ocasionando a queima parcial do cadáver ou de ossos de animais depositados sobre ele	9 - Solo e ossos de animais carbonizados foram encontrados no interior e sobre a cova, recobrando artefatos fragmentados e o esqueleto
10 - Preenchimento da cova	10 - Dado observado <i>in situ</i>

*Os eventos não estão em ordem cronológica, podendo ter ocorrido simultaneamente.
Fonte: adaptado de Breternitz et al. (1971:179).

usado como moedor para produção do material corante presente na sepultura; o ocre como cosmético ou pigmento de caráter simbólico; líticos com sinais de uso podem apresentar uma inclusão inespecífica na cova mas, também, representar os bens que pertenciam ao falecido. Essas evidências ou vestígios representam dados mortuários para a formulação de variáveis de contexto e de laboratório que possam ser analisadas e relacionadas durante esse processo de interpretação de deposições funerárias.

Um dos pré-requisitos para iniciar discussões sobre um dado complexo cultural, um estudo comparativo ou de descrição sobre os vestígios funerários é a existência de um sistema de classificação e uma nomenclatura próprios, mais ou menos conhecidos entre os arqueólogos. Neste artigo, procuramos definir e demarcar os termos usados na descrição das manifestações arqueológicas dos enterramentos humanos a serem observados *a posteriori*, por meio da análise de documentos visuais produzidos em antigas escavações.¹ Esses termos restringem-se a dois conjuntos de variáveis a saber:

a) Variáveis de campo – do contexto arqueológico do sepultamento – formadas pelos vestígios biológicos e culturais em inserção contextual, em suas relações espaciais e de situação. Registradas por meio de sistemas de documentação diversos, referem-se aos dados de localização (sítio, setor, quadra, quadrícula, cota crânio), datas da evidencição e exumação, número do enterramento, tipo de deposição, número de indivíduos depositados na mesma cova, conexão anatômica do esqueleto, orientação do corpo (eixo crânio-bacia), da face e do crânio; posição do corpo, disposição pelo grau de flexão dos membros e posição de suas extremidades, dimensões, orientação e conteúdo da cova, tipo e distribuição dos materiais associados junto ao esqueleto e as

relações de proximidade do enterramento com as demais estruturas arqueológicas, como as de habitação e os outros enterramentos. Os materiais contidos no interior, sobre, sob ou ao redor da cova e do corpo indicam associações referentes às práticas mortuárias – e parcelas de eventos rituais – e que necessariamente devem ser documentados e estudadas as suas relações mediante análises que considerem os enterramentos inter e intragrupo, em macro e microgrupos. Essas variáveis são expressas pelas terminologias e classificações comumente utilizadas em arqueologia para os vestígios funerários e que podem ser revistas anos depois da realização das etapas de campo, por meio da documentação produzida.

b) Variáveis de laboratório – do material ósseo humano –, como os dados sobre os graus de desgaste dentário, osteométricos e osteoscópicos, sobre sexo, idade, estatura, análises físico-químicas e microscópicas em estudos avançados sobre DNA, isótopos estáveis de determinados elementos químicos presentes nos ossos e dentes indicadores de dietas características, patologias e lesões intencionais, acidentais ou de origem fisiopatológica que dimensionam estudos sobre paleodieta, paleogenética, paleopatologia e paleodemografia. Para Sharer e Ashmore (s.d), White (1992, 2000), Chamberlain (1996), entre outros, a prática de laboratório sobre as coleções esqueléticas é indispensável. Essas variáveis estendem-se à caracterização tipológica dos acompanhamentos funerários, dada pela análise morfológica, morfométrica e quantitativa dos artefatos osteodontomalacológicos e líticos, entre outros. Os acompanhamentos fornecem dados sobre seu uso como objeto ritual funerário, de uso cotidiano ou adornos; procedência, indicando as áreas de captação de matéria-prima; sobre a caracterização tecnológica do grupo; sobre sua frequência em relação ao sexo, idade e posição social, bem como inferem situações de contatos culturais e possíveis formas de subsistência baseadas nas atividades de caça, coleta, pesca e/ou horticultura.

As unidades representadas pelas variáveis de campo e de laboratório constituem as informações sobre o contexto arqueológico dos vestígios funerários e suas características tipológicas,

(1) O uso dos documentos visuais produzidos nas escavações realizadas em Tenório, Piaçaguera e Buracão, sítios arqueológicos do litoral do estado de São Paulo, escavados por pesquisadores do IPH e MAE-USP entre as décadas de 1960 e 1970, prescindiu das formulações estabelecidas neste artigo, compondo os objetos de estudo do autor.

biológicas específicas. O potencial de análise e interpretação dos sepultamentos humanos é esquadrihado pela relação entre os elementos da tríade componencial: corpo/cova/acompanhamentos funerários. Os remanescentes biológicos e culturais associados com os sepultamentos e suas relações espaciais podem sugerir hipóteses sobre a reconstrução de eventos ocorridos desde a morte até a finalização dos rituais funerários (Breternitz *et al.* 1971).

Em estudos arqueológicos os dois conjuntos de variáveis tornam-se complementares. A correlação entre os dados desses dois conjuntos de variáveis depende da forma de abordagem e dos problemas formulados durante cada pesquisa. Assim, em estudos sobre a presença, forma e localização de facetas articulares anômalas na tibia e tálus de esqueletos pré-históricos relacionam-se com as posturas e estas com as atividades, o sexo e as idades dos indivíduos, a época do ano e periodicidade de eventos culturais, bem como com as formas de subsistência e herança genética (Mello e Alvim e Uchôa, 1998).

Procurando rever as terminologias e classificações para a descrição de sepultamentos humanos por meio de seus registros visuais ou observação direta em contexto arqueológico, não poderíamos desconsiderar as sugestões emitidas por Sprague (1968), Ubelaker (1996), Lothrop (1954), Tainter (1975), Haglund (1976), Robinson e Sprague (1965), Swedlund e Wade (1972), Blackwood e Simpson (1973), Barker (1977), Heizer (1950), Brothwell (1981), Joukowsky (1986), Heizer e Graham (1967), Griffin e Neumann (1942), Binford (1971), Saxe (1971) e Cheuiche (1984). Esses trabalhos, embora apresentem algumas divergências quanto aos sítios arqueológicos escavados e, em conseqüência, quanto à forma de abordagem das terminologias funerárias de contexto arqueológico, acordam sobre suas definições, representando uma considerável contribuição para o entendimento e utilização dos termos normalmente aplicados aos vestígios funerários.

Buikstra e Ubelaker (1994), White (1992), Bass (1987), Steele e Bramblett (1989), Brothwell (1981) definiram os atributos básicos a serem registrados sobre os esqueletos em laboratório, buscando esquadrihar os potenciais interpretativos e analíticos das coleções esqueléticas de procedência arqueológica quanto aos aspectos morfoscópicos e morfométricos, patológicos, da diagnose sexual e cálculo etário, bem como princípios necessários aos

estudos dietários, em paleodemografia, paleopatologia e alterações de origem cultural que deixaram suas marcas no material ósseo, como as deformações cranianas, desgastes extramastigatórios das coroas dentárias, traços de tratamentos médicos e rituais, como as trepanações cranianas e a cremação.

Uma diversidade de sugestões e modelos: busca pela exclusividade

Foi de Sprague² (1959; 1965; 1968) a proposta de um modelo classificatório amplo para descrever os enterramentos humanos, procurando, através de uma tabela, auxiliar na comunicação sistemática das variabilidades das práticas funerárias e à caracterização dos seus vestígios no sítio arqueológico. Evidentemente, esse autor não descarta a possibilidade de posteriores acréscimos e alterações ao modelo sugerido, concordando que as formas de abordagem dos vestígios funerários em contexto arqueológico possuem suas peculiaridades, dependendo do arqueólogo, instituição, da equipe envolvida e dos problemas a serem solucionados.

Esse autor publicou uma revisão sobre os sistemas de descrição das formas de deposição do morto, apontando terminologias ambíguas e problemáticas. Resumiu essas informações de modo a uniformizar um esquema de modelo com 11 itens para ser continuamente aplicado em campo e complementado em laboratório.

Em contexto arqueológico as categorias a serem observadas e documentadas sobre os enterramentos humanos, com a aplicação de terminologias e classificações sugeridas por Sprague (1968) constam na Tabela 2.

Em laboratório, as categorias sugeridas por Sprague (1968) referem-se a: a) demografia; b) sexo e idade; c) antropometria; d) patologias e e) anomalias. Este esquema classificatório não pretende esgotar as possibilidades descritivas de análise e interpretação dos vestígios funerários,

(2) Professor de Antropologia na Universidade de Washington, Roderick Sprague dedicou-se ao estudo cultural baseado na análise e descrição de centenas de sepultamentos e dos acompanhamentos funerários de grupos indígenas dos Estados Unidos, bem como em arqueologia histórica.

TABELA 2

Terminologias e classificações para sepultamentos humanos em contexto arqueológico		
1 - Forma da deposição	A – Deposição simples (primária) B – Deposição composta (secundária)	a) Inumação primária; b) Deposição aquática; c) Deposição superficial a) Por processos reductivos: enterramento e subsequente desenterramento; exposição ao ar; exposição aos animais; descarnamento mecânico; cremação; decomposição química; b) Deposição secundária: inumação; aquática; superficial
2 - Localização da área da deposição		
3 - Preparação do corpo		
4 - Veículo ou invólucro do corpo para a deposição		
5 - Individualidade (número mínimo de indivíduos)	A - Fragmentário ou parcial (restos esparsos); B - Simples; C - Duplo; D - Triplo; E - Múltiplo (com esqueletos articulados); F - Em massa (com esqueletos desarticulados)	
6 - Articulação do esqueleto (ou por região)	A - Articulado; B - Semiarticulado; C - Rearticulado; D - Desarticulado; E - Perturbado	
7- Disposição dos membros	A - Grau de flexão B - Disposição dos membros superiores C - Rotação da cabeça	a) Estendido; b) Semi-fletido; c) Fletido; d) Fortemente fletido a) Estendidos ao longo do corpo; b) Cruzados sobre a pelve; c) Dobrados sobre o tórax; d) Mãos sobre a face
8 - Posição do corpo	A - Horizontal B - Vertical	a) Decúbito dorsal; b) Decúbito ventral; c) Decúbito lateral direito; d) Decúbito lateral esquerdo a) Sentado
9 - Orientação	A - Cova; B - Corpo; C - Envoltório do corpo	
10 - Materiais associados	A - Tipo; B - Quantidade (frequência); C - Disposição (localização)	

Fonte: adaptado de Sprague (1968: 483).

mas, antes, sugerir um conjunto de variáveis, voltadas predominantemente ao contexto de campo, comum nas pesquisas arqueológicas. Torna-se desejável analisar o contexto da deposição funerária, antes mesmo de analisar e esquadriñar estatisticamente os ossos por eles mesmos.

Para a descrição dos enterramentos em arqueologia, Ubelaker (1996) recorreu às terminologias e classificações sugeridas nos trabalhos de Griffin e Neumann (1942), Bass (1962) e Sprague (1968). Assim, referindo-se aos enterramentos primários, o autor procurou demonstrar a importância da observação e mensuração dos artefatos associados ao esqueleto, das características, proporções e orientação da cova, da textura e coloração dos sedimentos depositados no seu interior e especificamente sobre a exposição do esqueleto, seu registro fotográfico, descrição, localização, forma de deposição, posição, orientação, profundidade, mensurações, coletas de amostras e outros procedimentos durante as escavações, como, por exemplo, a observação e registro prévio das condições patológicas dos ossos, presença de materiais perecíveis conservados, manchas de solo e itens não culturais ou “inclusões naturais”.

Entre os primeiros estudos sobre as terminologias e classificações, aplicáveis aos sepultamentos humanos, temos o trabalho de Barber (1877). Esse autor sugeriu quatro *métodos básicos de enterramentos* ou formas de deposição: *inumação* (subterrânea), *cremação* (subterrânea), *embalsamamento* (subterrâneo) e *aéreo* (acima do solo).

Yarrow (1881) discriminou sete formas de enterramento: *inumação*,³ *embalsamamento*,

(3) O termo inumação (*inhumation*) pode ser definido como a prática de enterramento do morto que difere da cremação e da exposição do corpo em andaimes ou árvores. Pode ocorrer em cova escavada, câmara natural ou nicho. Outros termos usados comumente para descrever as inumações ou enterramentos são: estendidos (com os ossos da coluna vertebral e das pernas dispostos mais ou menos em uma linha reta), fletidos (com os ossos das pernas fletidos a menos que 90°), agachados – *crouched* – (com as articulações do quadril e do joelho fletidos em ângulo maior que 90 graus), estendido em supinação (de costas), de bruços (sobre o ventre) ou de lado. O termo inumação (*inhumation burial*) refere-se, também, aos tipos de inumações em pequenos potes (*jar burial*), comuns na Itália, que diferem dos enterramentos em urnas (*urn burial*) e da cremação.

deposição dos remanescentes em urnas, enterramento superficial, cremação ou queima parcial, sepulturas aérea e aquática. Entretanto, suas proposições não são mutuamente exclusivas, podendo ocorrer embalsamamentos seguidos de inumação, entre outras deposições simultâneas ou sucessivas e que deixam sua marca no contexto arqueológico.

No início do século XX, Orr (1919) sugeriu a seguinte classificação das formas de enterramento: cremação, embalsamamento ou mumificação, enterramento em cova, enterramento superficial, deposição em árvores e andaimes, deposição ou abandono do corpo na água, enterramento em urna, freqüentemente associado com cremação e banquete funerário dos ossos do morto.

Kroeber (1927), estudando a distribuição geográfica, variabilidade e mudança cultural dos costumes de enterramento e cremação entre grupos étnicos na América e África, considerou os centros de freqüência ou caracterização das várias formas de práticas funerárias e suas mudanças decorrentes de contatos e implementos culturais entre diferentes grupos populacionais. Outro caráter observado por Kroeber (1927) para caracterizar as práticas funerárias foi a longa duração temporal, com pequenas modificações das suas instâncias, como, por exemplo, no Egito pré-dinástico, o neolítico na Europa e a Cultura Pueblo, na América. Os métodos de deposição dos mortos seriam moldados e influenciados por intrusões de grupos migrantes, dissociação do grande bloco de atividade cultural da vida econômica e material, nos seus aspectos de subsistência, pelos outros costumes conectados com o morto como os *tabus*, a destruição da sua propriedade e as cerimônias posteriores ao sepultamento. Foram discriminadas, na América do Sul, as seguintes formas de deposição do morto: *enterramento simples, enterramento secundário, sepultamento em urna, sepultamento secundário em urna, enterramento primário ou secundário na área interna da habitação do morto, mumificação, cremação, cremação secundária, “eating of ashes”* (em cinzas de banquete funerário) e *“scaffold exposure”* (exposição em andaime funerário). O *enterramento simples* de Kroeber (1927) deve ser entendido como *enterramento primário*, não tendo relação com o número de indivíduos depositados na mesma cova. Tanto a *cremação*, a *mumificação*, quanto o *enterramento em urna* ou *na habitação do*

morto sugeridos por Kroeber referem-se às variações de enterramentos primários.

Griffin e Newmann (1942) fizeram os primeiros esforços para identificar e sugerir uma classificação e uma terminologia úteis aos estudos das práticas e descrição dos vestígios funerários. Criticados por Sprague (1968), esses autores não apresentaram, assim como os anteriores, categorias mutuamente exclusivas. Aceitaram a inumação como uma categoria exclusiva, distinta da cremação. A *cremação* pode ser entendida como um método de tratamento e redução do corpo para sua posterior deposição. Assim, Sprague (1968) sugeriu que qualquer esquema sobre a deposição do morto deve utilizar dois termos distintos: *deposição simples*, cujos métodos estão orientados por um princípio básico, em determinado momento específico no tempo, e *deposição composta*, com implicação da existência de dois ou mais estágios distintos de deposição, semelhantes ao enterramento seguido do desenterramento, exposição e enterramento, exposição, cremação e enterramento ou cremação e dispersão das cinzas. São procedimentos funerários que resultam, respectivamente, em enterramentos primários e secundários.

O problema está em desenvolver um alfabetismo visual suficiente para distinguir e documentar, mediante a análise dos dados observáveis expostos no contexto arqueológico e das características dos vestígios funerários, a presença de uma primeiridade ou secundidade da deposição funerária e da intencionalidade na deposição dos materiais associados no enterramento. Uma das técnicas que auxiliam nesse processo é o da evidenciação sistemática dos vestígios arqueológicos pela decapagem e do total controle e/ou administração das técnicas de documentação visual por parte do arqueólogo ou do bioarqueólogo.

Nesse sentido, voltado à utilização de métodos e técnicas empregados pelo bioarqueólogo para obtenção de séries esqueléticas durante sua atuação na pesquisa arqueológica, Comas (1957) descreveu cinco momentos que devem ser considerados em campo e em laboratório: o da descoberta, do registro dos dados, exumação, identificação e caracterização dos enterramentos em tumbas e da restauração do material ósseo humano (Romero, 1939; Angel, 1943). Esse autor privilegiava os estudos craniológicos e osteológicos, comuns desde fins do século XIX à segunda metade do

XX, tanto por arqueólogos, quanto por antropólogos e paleontólogos. Segundo Comas (1957), os dados a serem registrados pelo *antropólogo* sobre os enterramentos humanos *in situ* são: 1) *número do enterramento*; 2) *localização*; 3) *profundidade em relação à superfície do sítio*; 4) *profundidade em relação às estruturas depositadas sobre o enterramento* (pisos de pedra, lápides etc.); 5) *presença ou ausência de cova*; 6) *estado de conservação dos ossos* (indicando quais as partes que se conservaram e as que não); 7) *idade fisiológica* e, se possível, o *sexo*; 8) *classe ou tipo de enterramento: primário* (completo ou incompleto) que apresenta os ossos em conexão anatômica; *secundário*, onde não existe conexão anatômica e os ossos podem ser de indivíduos com diferentes idades fisiológicas; 9) *posição* (do corpo); 10) *orientação*; 11) *descrição sumária dos objetos que possam achar-se em relação com o esqueleto* (materiais associados). Esses dados têm se mostrado recorrentes e com pouca variação quanto ao seu uso na literatura arqueológica que utilizamos.

Para a ordenação e sistematização de conjuntos de informações bibliográficas e diretas (de campo) sobre os tipos de enterramentos em estruturas monticulares e visando descrever o material ósseo humano exumado de quatro cerritos durante as escavações da Comisión Rescate Arqueológico de la Cuenca de la Laguna Merín entre os anos de 1986 e 1989 na região de San Miguel, Argentina, Femenías *et al.* (1990) propôs dez categorias a serem observadas durante a exposição, registro e remoção de vestígios funerários em contexto arqueológico (Tabela 3) que complementam as de Sprague (1968), em especial sobre as inumações.

Heizer (1950) ao descrever os aspectos mais importantes da exposição, registro e remoção de enterramentos em campo, sugeriu dois tipos de deposição funerária a serem registrados, o *enterramento* e a *cremação* (Tabela 4).

Mais tarde, Heizer e Graham (1967) sugeriram quatro tipos básicos de enterramentos: *primários*, *secundários*, *múltiplos* e as *cremações*.

Nos enterramentos primários (*primary interment*) os ossos do esqueleto apresentam-se articulados. O corpo teria sido depositado na cova antes da decomposição, nas posições contraído ou fletido, estendido ou sentado, de frente, lado ou de costas. Mediante um estudo sistemático dos ossos, após sua exposição, torna-se possível descrever e

TABELA 3

Ordens de categorias, tipos e características das inumações	
1 - Modalidade de inumação	a) Individual b) Múltipla
2 - Tipo de inumação	a) Primária – esqueleto fortemente fletido, levemente fletido ou estendido b) Secundária – em pacotes ou em urnas c) Indeterminada – material ósseo isolado
3 - Grau de perturbação	a) Não perturbada b) Pouco perturbada c) Muito perturbada
4 - Estado de conservação	a) Bom b) Regular c) Mau
5 - Modificações	a) Queimado b) Presença de CaCO ₃ c) Fragmentado-fraturado d) Outras
6 - Posição	a) Decúbito dorsal b) Decúbito lateral – direito, esquerdo c) Decúbito ventral
7 – Orientação	a) Crânio ou eixo crânio-bacia em relação aos pontos cardeais, colaterais e subcolaterais
8 - Materiais associados	a) Tipo (morfoescopia, morfometria, matéria-prima) b) Localização junto ao esqueleto
9 – Sexo	a) Feminino b) Masculino c) Indeterminado
10 - Idade (grupos etários ou em anos)	a) Criança b) Jovem (adolescente) c) Adulto d) Adulto maduro e) Velho

Fonte: adaptado de Femenias et al. (1990).

precisar a posição do corpo na época em que foi depositado na cova. Corpos enterrados nessas circunstâncias podem sofrer, *a posteriori*, mumificação natural, como os escavados por Lythgoe (1965).

O enterramento secundário (*secondary interment*) caracteriza-se, geralmente, pela presença de um pacote ou fardo (*bundle*), que resultou da coleta dos ossos após a remoção

intencional das partes moles por exposição, decomposição por bactérias e que foram posteriormente depositados em uma cova. Os ossos do esqueleto não estão em conexão anatômica normal.

Os enterramentos múltiplos (*multiple interment*), tratados em especial por Ubelaker (1974 e 1981) e Heizer e Graham (1967) ocorrem quando uma única cova contém remanescentes esqueléticos de

TABELA 4

Tipos de deposições funerárias			
1 – Enterramento		2 – Cremação	
a) Primário (remanescentes físicos de um corpo articulado):	b) Secundário	a) Primária	b) Secundária
- Estendido (dorsal ou ventral)			
- Semi estendido			
- Semifletido			
- Fletido (dorsal, ventral, lateral direito, lateral esquerdo)			
- Sentado			

Fonte: adaptado de Heizer (1950).

vários indivíduos (acima de três), enterrados simultaneamente. Esse tipo de enterramento indica a morte de muitas pessoas em decorrência de uma mesma causa, epidemias ou guerras. O termo “múltiplo”, referente ao número de indivíduos contidos em uma mesma cova, assim como “simples”, “duplo” e “triplo”, não é um tipo de deposição, como descreveu Sprague (1968). Portanto, não deve ser entendido como um dos três tipos básicos de enterramento, mas como uma outra distinção referente aos tipos de enterramentos primários e secundários, aplicando-se a ambos.

A distinção entre os *enterramentos* (primários, secundários e múltiplos) e *cremações* como tipos exclusivos, criticados por Sprague (1968) foi

retomada e desenvolvida por Ubelaker (1996). Assim, um enterramento pode apresentar o esqueleto cremado, sendo primário ou secundário. A cremação é considerada como mais um *tipo* de enterramento. Brothwell (1981) reuniu os muitos tipos de enterramentos humanos em cinco grupos (Tabela 5).

Esses tipos foram classificados pelos critérios de articulação do esqueleto, invólucro do corpo (urna etc.), posição do corpo e disposição dos membros, condições da deposição e tratamento do corpo, como o descarnamento (caso 5). O tipo 1 de Brothwell (1981) refere-se aos enterramentos secundários. Os tipos 2 a 5 constituem enterramentos primários. Em Brothwell (1981) o termo “enterramento” refere-se ao corpo.

TABELA 5

Tipos de enterramentos humanos				
1 - Remanescentes fragmentados	2 - Enterramento estendido	3 - Enterramento fletido	4 - Enterramento contorcido	5 - Outros tipos de enterramentos
Esparsos ou em urnas	A orientação (eixo crânio-bacia) em um grupo de enterramentos pode ou não ser similar. Podem ocorrer posicionamentos especiais dos membros superiores e da cabeça	Usualmente o corpo está distintamente deitado de lado, com membros superiores e inferiores fletidos, em posições geralmente não especiais ou diferentes para cada membro	É uma das numerosas posições atípicas em que o corpo pode estar posicionado. A postura anormal denota enterramentos feitos às pressas, ou de vítimas de batalhas e acidentes, já em rigidez ou decomposição cadavérica	Referem-se a outros tipos incomuns de posições, relacionadas à posição que o morto costumava repetir em vida, e outras, que só podem ser realizadas em corpo já esqueletizado ou mumificado e amarrado

Fonte: adaptado de Brothwell (1981).

Assim teremos, segundo Heizer (1950), Heizer e Grahan (1967) e Ubelaker (1996) seis tipos básicos de deposições funerárias: *enterramento primário*, *enterramento secundário*, *enterramento múltiplo primário*, *enterramento múltiplo secundário*, *cremação primária* e *cremação secundária*. Os caracteres da presença ou ausência predominante de conexão anatômica (enterramentos primário e secundário), do número de indivíduos enterrados na mesma cova (enterramento múltiplo) e do tipo de tratamento recebido pelo cadáver (cremação) seriam determinantes nesta classificação. Esse número de tipos de deposição aumentaria se considerarmos os termos *simples*, *duplo* e *triplo*, empregados para distinguir o número de indivíduos enterrados, bem como se considerarmos as outras formas de tratamento do corpo antes da sua deposição e a articulação e desarticulação conjuntas num mesmo esqueleto.

Uchoa (1973) distinguiu quanto aos tipos *enterramento primário* e *secundário* se são *simples*, *duplos*, *triplos* ou *múltiplos*, de acordo com o número de indivíduos depositados na mesma cova. Um *enterramento múltiplo*, assim como a *cremação*, não constituem *tipos* de enterramentos. O termo “múltiplo” refere-se ao número de indivíduos depositados na cova, assim como “cremação” é um processo reutivo de preparação do corpo empregado no caso de uma deposição composta (Sprague, 1968). Para a autora, os sepultamentos sempre equivalem ao próprio esqueleto. Assim, o número de sepultamentos em um sítio dado é exatamente o mesmo dos esqueletos ou indivíduos exumados.

Os vestígios funerários evidenciados em campo sob a forma de ossos cremados, podem constituir *cremações primárias*, em que os ossos do esqueleto foram queimados na cova, “verdes” (com a medula óssea), em conexão anatômica (e possivelmente com as partes moles do corpo) ou *secundárias*, caracterizadas por sucessivas etapas: cremação dos ossos ou do corpo; posterior recolhimento; deposição dos restos em covas e urnas. A presença de partes queimadas ou cremadas do esqueleto podem indicar a presença de estruturas de fogueira associadas ao enterramento, muito próximas, como elemento da prática funerária do grupo ou como processo pós-deposicional de origem natural ou antrópica contemporâneas ou não à época do enterramento.

Segundo Ubelaker (1996), os enterramentos humanos são classificados em três tipos básicos: *enterramentos primários*, *enterramentos secundários* e *cremações*. Esse autor procurou demonstrar a importância da delimitação e obtenção de dados sobre a cova durante o processo de exposição do esqueleto.

O termo “enterramento secundário” foi definido por Ubelaker (1996), Almagro (s.d), Heizer (1950) e Heizer e Grahan (1967) e aplicados por Uchôa (1973) e Machado (1984). Descrito por Sprague (1968) como *deposição secundária*, uma das formas de *deposição composta*, não deve ser confundido com os enterramentos simples, duplo, triplo ou múltiplo, que são indicadores do número de indivíduos depositados na mesma cova e numa mesma seqüência funerária. Assim, “*también hay inhumaciones secundarias, es decir, que se realizan tras una deposición del cadáver en algún lugar, y cuando se há corrompido o se lo han comido los animales, se realiza la inhumación definitiva de los restos*”. (Almagro, s.d.: 254).

Segundo Heizer e Grahan (1967) caracteriza-se o *enterramento secundário* como resultado da coleta de ossos cujas partes moles foram removidas intencionalmente, pela exposição, ação de bactérias e que foram depositados em uma cova. Esses ossos não apresentam conexão anatômica entre si. Apresentam-se sob a forma de “bundle burials”.

Ubelaker (1996) que pesquisou os grandes ossuários do sítio Juhle em Mariland, entre 1971 e 1972, e os conteúdos das urnas do cemitério de Ayalan, na costa sul do Equador, definiu os *enterramentos secundários* e delimitou seus problemas. Para Ubelaker:

“*Secondary inhumation consists of non-articulated collections of bones. They represent a complicated method of treatment of the dead involving two or more stages. The first is removal of the flesh, which may be accomplished with tools or by allowing decomposition to proceed naturally above or below ground. The second stage is collection or disinterment of the bones, which may be kept briefly or for many years. The third stage is reburial individually or in a mass grave*” (Ubelaker 1996:20).

Nesse caso, a presença de partes articuladas do esqueleto pode ser observada devido aos

TABELA 6

Tipos de enterramentos humanos	
1 - Enterramento primário	2 - Enterramento secundário
A - Estendido	A - Pacote ou fardo de ossos , “ <i>bundle-burials</i> ” : a) vertical, b) horizontal
B - Parcialmente desarticulado, rearticulado ou anômalo	B - Ossos esparsos
C – Fletido	C - Cremado

Fonte: adaptado de Haglund (1976).

métodos de descarnamento e decomposição empregados. Estes podem resultar na permanência de facetas articulares e discos intervertebrais unindo alguns ossos.

Ainda, considerando a definição do *enterramento secundário*, para Martín (1994):

“Nas sociedades indígenas americanas, os rituais fúnebres foram variados e complexos e os enterramentos primários são equivalentes em número aos secundários, nos quais realiza-se um segundo enterramento depois da perda das partes brandas do corpo, ritualizando-se o esqueleto” (Martín 1994: 30).

Tipos diferentes de enterramentos⁴ e de cerimônias funerárias implicam em diferentes formas de tratamento, disposição e deposição do corpo. Assim, segundo Haglund (1976), escavando um sítio cemitério aborígene em Broadbeach, Austrália, os enterramentos humanos foram classificados em dois tipos, como observamos na Tabela 6.

Nesta perspectiva, os remanescentes cremados são uma categoria de enterramento secundário. Para Ubelaker (1996), a cremação constitui um tipo diferenciado de enterramento, ao lado do

(4) Entenda-se enterramento como sinônimo de sepultamento e de inumação. O termo sepultamento parece mais amplo, não incluindo somente a *inumatio* (*tornar húmus*), mas quaisquer formas de deposição do corpo. Assim, deposição é sinônimo de sepultamento bem como enterramento é sinônimo de inumação. Todo enterramento e toda inumação é uma deposição ou sepultamento, mas, nem todo sepultamento ou deposição é um enterramento ou inumação.

primário e do secundário. Em Sprague (1968), a cremação é um dos processos de tratamento por redução do corpo, constituindo a forma de apresentação de vestígios humanos em deposições compostas ou secundárias.

Os fardos de ossos ou *bundle-burials*, dispostos na horizontal ou vertical, foram considerados por Haglund (1976) como uma das categorias de *enterramento secundário*. Essa categoria é bastante significativa para a compreensão do enterramento secundário, classificação recorrente na literatura arqueológica. Assim, a descrição dos *bundle-burials* oferecida pela autora pareceu-nos significativa:

“ The corpse had, in most cases, been dismantled completely, the bones rearranged and then bound with some wrapping material, probably bark or skin, into a compact bundle. In all examples, the wrapping had disappeared but can be inferred from the shape of the burials (...) The skull, usually upright, rested on top of, or just within, the top part of a bundle of postcranial bones (...) The mandible was just below the skull but had been separated from it(...) The long bones formed the vertical ‘walls’ of the bundle, but were often maned in two groups at the front and back of the skull, giving the bundle na oval cross section(...) The central core consisted of ribs, vertebrae, scapulae, clavicles, bones of hards and feet , and other smaller bones(...) Sometimes two or more vertebrae were found in such a position that they must have been held together by ligaments or other incompletely decomposed soft tissue(...)” (Haglund 1976 : 9)

A categoria *partly dismantled* ou *dismembred* de enterramento primário definida por Haglund (1976) implica em remanescentes de esqueletos cujos membros e porções articuladas do tronco foram dispostas parcialmente em conexão anatômica normal. Trata-se de uma forma de vestígio resultante de uma deposição composta, associada à aplicação de processos *reduativos* do corpo, como o enterramento seguido de desenterramento, descarnamento ou decomposição química, propostos por Sprague (1968). A presença da manipulação dos ossos e partes desarticuladas do corpo, antes do enterramento definitivo, em que o corpo não teria sido enterrado com os ossos normalmente articulados, caracterizaria, para outros autores como Ubelaker (1996) e Heizer e Graham (1967), uma categoria de enterramento secundário.

A intencionalidade antrópica em relação à deposição e disposição do corpo já tratado, descarnado e desarticulado, pode ser confundida em contexto arqueológico com desmembramentos do esqueleto originários dos processos mais avançados da decomposição cadavérica – esqueletonização, em especial aos corpos depositados verticalmente em relação ao plano do solo, que podem sofrer desmantelamento parcial dos membros, crânio e coluna vertebral. Os corpos dispostos verticalmente podem apresentar, *in situ*, o aspecto estrelado, com queda dos membros superiores sobre os inferiores.

Haglund (1976) distinguiu, ainda, outros elementos caracterizadores das práticas funerárias dados pelos tipos de *cova* (de forma horizontal, vertical, suas dimensões e orientação do eixo principal) e os *materiais associados*.

Determinados procedimentos mortuários resultam em vestígios ósseos não articulados ou partes isoladas – restos esparsos e articuladas do esqueleto, indicando uma seqüência complexa de eventos ocorridos entre a deposição e a escavação do enterramento no contexto arqueológico. Seu registro decorre de perfis longitudinais e transversais, assim como da planta baixa da área, com o quadriculamento e a precisa identificação da posição dos ossos desarticulados para a reconstituição da maneira e a seqüência da deposição e a descrição das práticas funerárias e suas alterações tafonômicas (Roksandic 2002).

Os enterramentos perturbados por outro enterramento exemplificados por Montardo (1994) através dos estudos de Banner (1961) sobre os

Kaiapó não devem ser confundidos com as definições dos enterramentos secundários descritas anteriormente. Para Banner (1961):

“(…) os índios se servem de uma sepultura velha para um segundo enterro. Quando restos do primeiro ocupante ainda estão na esteira com que o jazigo foi forrado, esta é retirada com cuidado. Enquanto os homens cavam mais alguns centímetros para dar ao túmulo aspecto novo, as mulheres vão remexer a cinza humana, catando as contas e miçangas que sobreviveram à decomposição do dono! Depois do novo ocupante estar em posição, os restos do primeiro voltam novamente à terra, despidos de todos os enfeites e deixados ao lado daquele que agora ocupa o primeiro lugar (...) quando uma pessoa de destaque morre em viagem, e precisa ser enterrada num lugar onde não há outra sepultura, os parentes poderão voltar mais tarde, a fim de levar a ossada para fazer novo enterro onde terá a companhia de qualquer outro morto”. (Banner 1961: 45-46)

Esqueletos desarticulados de crianças, pintados com ocre, depositados junto com esqueletos de adultos podem ser resultado, segundo Banner (1961) de um tratamento dado pela própria mãe que desenterra seu filho e o guarda até conceber outra criança, quando volta a enterrá-lo, desta vez com um parente adulto. Trata-se de um enterramento não coletivo como afirma Montardo (1994), mas de um enterramento secundário simultaneamente a um primário, uma modalidade mista com procedimentos tanto das inumações primárias quanto das secundárias.

No caso dos enterramentos secundários, o que incluiria as cremações segundo Haglund (1976) ou as excluiria (Ubelaker 1996), dois critérios classificatórios propostos por Sprague (1968) são importantes: o da *individualidade* e da *articulação*. A individualidade relaciona-se à determinação do número mínimo de indivíduos envolvidos num mesmo recipiente (urna, tumba, esteira, estojo) e cova. Seu grau varia em fragmentário (unidades ósseas e fragmentos), parcial (unidades ósseas articuladas), simples (individual), duplo, triplo, múltiplo e em massa.

Rohr (1960:19), ao escavar o sambaqui de Praia Grande, Rio Vermelho, Santa Catarina, em

1959, descreveu-nos o enterramento secundário como sendo resultado de uma segunda inumação.⁵

Sobre o tratamento em campo desse tipo de enterramento, Romero (1939) já alertava sobre as seguintes observações: a) quando o enterramento é secundário, assim como para o primário, a distribuição dos ossos *in situ* dita as regras para o prosseguimento da escavação; b) como os enterramentos secundários quase sempre compreendem várias camadas de ossos, o processo de escavação se segue por níveis naturais ou artificiais; c) o número elevado de ossos pode indicar a presença não de um enterramento secundário, mas de vários enterramentos primários, de indivíduos com diferentes idades, que por motivos de ordem mecânica após a deposição, misturaram-se; d) convém registrar detalhadamente os ossos em croqui, identificando-os com precisão (unidade anatômica, região do esqueleto, lado, direção das epífises, posição dos fragmentos uns em relação aos outros); e) esses desenhos servem como guias para a identificação do número de indivíduos enterrados; f) enterramentos secundários de grandes extensões devem ser subdivididos em blocos separados durante a escavação, sendo exumados e documentados separadamente, para posterior interpretação.

Heizer (1950), Heizer e Graham (1967) e Ubelaker (1996) distinguem enterramentos primário e secundário de cremação. Como o enterramento, a cremação pode ser primária, na qual o corpo foi queimado na cova e secundária, caracterizada pela

coleta, possível tratamento e acondicionamento e deposição das cinzas e fragmentos calcinados em pequenas covas.

Cremação é uma prática de queimar o morto, representada no contexto arqueológico por aglomerados de ossos humanos queimados, parcialmente íntegros ou, comumente, estando fragmentados e desarticulados ou sob a forma de cinzas que podem ter sido depositadas em urnas cinerárias para posterior deposição (Bray e Trump 1970). Trata-se de um dos métodos de redução do corpo realizado durante ou para a sua deposição – inumação em cova, urna, entre outras. Portanto constitui uma categoria de enterramento secundário ou, excepcionalmente, primário. Almagro (s.d) definiu a cremação como mais um rito de *inumação* ou modalidade de enterramento, distinguindo-a ao lado da primária e secundária: “Al lado de tan diversos ritos de inhumación hay otros en que el cadáver es incinerado en un *ushinium* y luego las cenizas se guardan de diversas maneras: en urnas cinerarias cerámicas o de piedra, en pozos, en monumentos, o se pone simplemente una estela en el lugar de la pira ritual” (Almagro, s.d: 254). A cremação primária é aquela contida em seu substrato original, junto aos restos da pira cinerária; a cremação secundária implica na coleta, possível tratamento – pulverização, quebra – acondicionamento e retirada do substrato original: os ossos queimados são depositados uma segunda vez, encontrando-se incompletos, em covas restritas ou em recipientes cerâmicos, sem quaisquer traços de conexão anatômica.

Para Machado (1990), a cremação constitui uma prática funerária que pode ser assim descrita e problematizada, em linhas gerais:

“Cremações são conjuntos de ossos humanos que foram intencionalmente queimados. São considerados *chamuscados, queimados, calcinados ou incinerados, de acordo com a intensidade dos graus de queima. Os restos cremados podem fornecer dados de valor comparativo e imediato para o arqueólogo se forem estudados através de procedimentos disciplinados de análise*” (Machado 1990: 235).

A partir da identificação dos fragmentos ósseos humanos quanto à unidade óssea a que pertencem, do cálculo do número mínimo de indivíduos, a estimativa do período geral de

(5) “(...) Segunda inumação, como usavam os homens de Cro Magnon e como está, ainda hoje, em uso entre os indígenas do Amazonas e outros grupos. Esta ‘inumação dupla’ estêve em uso, há milênios na primitiva Irlanda, Creta, Alemanha, França, etc. Consistia em amarrar o moribundo ou o defunto, logo após a morte, de mãos e pés encolhidos, à maneira do feto no ventre da mãe, e enterrá-lo em terra úmida. Após um ano, decomposta a carne, o esqueleto era desenterrado, limpo de carnes, pintado de vermelho e então ‘inumado’ segunda vez. À cerimônia da dupla inumação, ao que parece, procedia-se apenas por ocasião da morte de um dos grandes chefes e, freqüentemente, era feita dentro de uma urna funerária (...), certas tribos da Amazônia modernizaram a técnica desta dupla inumação. Em vez de enterrarem o cadáver durante um ano, suspendem-no, durante uma noite, nas águas de um rio, infestado de piranhas. Êstes peixinhos vorazes encarregam-se de transformar o cadáver, em poucas horas, num esqueleto perfeitamente despido de carne”.

idade biológica individual e a indicação de sexo, bem como pela observação cromática dos efeitos do calor e dos padrões de fraturas, podem ser formuladas as seguintes questões pertinentes às cremações evidenciadas em sítios arqueológicos:

“É possível dizer pela aparência dos ossos queimados se eles estavam ou não descarnados quando expostos ao fogo? Pode haver indicações de desarticulação intencional? Os sinais diferenciados de queima nos ossos podem indicar a posição dos restos durante a cremação e a intensidade do calor? De que modo as evidências do contexto arqueológico e o tipo de coleta permitem esclarecer aspectos importantes do rito funerário? Que problemas são enfrentados na identificação de ossos cremados e nas estimativas de idade e sexo?” (Machado 1990: 238)

A estas questões, podemos incluir os próprios problemas enfrentados durante a utilização – observação da coloração que infere graus de temperatura e de direcionamentos de fraturas que indicam se a queima foi feita antes ou depois de um processo de esqueletização e perda gradativa de matérias orgânicas do osso – e viabilidade do emprego direto – sem experimentação de outros métodos como os físico-químicos e de microscopia eletrônica – para o cálculo das temperaturas de queima na própria coleção em análise e experimentações amostrais – de metodologias para a observação e descrição, análise e identificação das temperaturas de queima dos ossos humanos como as propostas por Shipman, Walker e Bichell (1985), Baby (1950), Gejvall (1963), Van Vark (1970), Dokládál (1971) Binford (1963), Stewart (1979) e Ubelaker (1989), e empregadas em conjunto primeiramente por Machado (1990).

Esse tipo de deposição, juntamente com os enterramentos primários, secundários e “múltiplos” (Heizer e Graham 1967) ou juntamente com os enterramentos primários e secundários (Ubelaker 1996 e Heizer 1950) apresenta problemas na observação e registro da identificação e posição dos ossos devido à intensa fragmentação, deformação, redução e cristalização dos mesmos, resultantes da ação do calor. O mesmo ocorre com a diagnose sexual, cálculo da idade e identificação das patologias, anomalias e traumas.

O trabalho de Shipman, Walker e Bichell (1985) procurou estabelecer, através da observação das cores predominantes dos ossos queimados os intervalos das temperaturas às quais teriam sido submetidos. Kneip e Machado (1992), utilizando esses princípios, estudaram a cremação como variabilidade nas práticas funerárias de grupos pescadores-coletores-caçadores do litoral do Rio de Janeiro.

A disposição do enterramento refere-se à configuração do corpo na cova. Este pode estar disposto em decúbito dorsal, ventral, lateral direito ou esquerdo, sentado ou estendido. A relação dos segmentos do corpo entre si determina a posição (Anderson, 1962:159) do esqueleto. Esta é descrita em relação a três componentes anatômicos: os membros inferiores, os membros superiores e o crânio. A posição do esqueleto é um dos critérios classificatórios restritos aos enterramentos primários.

O primeiro aspecto da posição do esqueleto é dado pelo grau de flexão, importando somente a relação entre os membros inferiores e o tronco. Este grau, segundo Ubelaker (1996), dado pelo ângulo formado entre o eixo da coluna vertebral (do tronco, eixo crânio-bacia ou eixo *forame-occipitale-sacrum*) e os eixos longitudinais dos fêmures pode ser descrito pelos termos “estendido” (Â aproximadamente 180°), “semi-fletido” (Â maior ou igual a 90° e menor que 180°), “fletido” (Â menor que 90°) e “fortemente fletido”⁶ (Â aproximadamente igual a 0°).

Para estabelecer limites mais precisos entre os ângulos para descrever a disposição do corpo e dos membros quanto à flexão, sugerimos: para *estendido* – Â maior que 135° e menor ou igual a 180°; *semi-fletido* – Â maior ou igual a 90° e menor ou igual a 135°; *fletido* – Â maior ou igual a 45° e menor que 90° e *fortemente fletido* – Â maior ou igual a 0° e menor que 45°. Trata-se de uma regulagem angular baseada nas propostas de Ubelaker (1996) e Saxe (1971). Este ângulo de 45°, elevado para delimitar as posições *fortemente fletido* e *estendido* para

(6) A classificação *tightly flexed* de Ubelaker (1996, p. 18, fig. 18) foi adotada para o ângulo de 10°, formado entre os eixos longitudinais do fêmur e da tíbia. Para os mesmos eixos, um ângulo de 25° indica a categoria *flexed*. Para um ângulo de 120°, formado entre os eixos da coluna vertebral e o fêmur, o esqueleto está *semi-fletido* (*semiflexed category*).

TABELA 7

Posição do esqueleto (<i>attitude of burial</i>)		
Posição horizontal		Posição vertical e/ou oblíqua
1 - Estendido (<i>extended</i>)	2 - Fletido (<i>flexed</i>)	3 - Sentado ou acorçado
a) Estendido em decúbito dorsal (<i>extended supine</i>)	a) Fletido em decúbito dorsal (<i>flexed supine</i>)	a) sentado e fletido, com fêmures e tíbias verticalmente ao corpo (<i>flexed saquatting burial</i>)
b) Estendido em decúbito ventral (<i>extended prone</i>)	b) Fletido em decúbito ventral (<i>flexed prone</i>)	
c) Estendido em decúbito lateral direito (<i>extended on right</i>)	c) Fletido em decúbito lateral direito (<i>flexed on right</i>)	
d) Estendido em decúbito lateral esquerdo (<i>extended on left</i>)	d) Fletido em decúbito lateral esquerdo (<i>flexed on left</i>)	

Fonte: adaptado de Blackwood e Simpson (1973: 140).

Ubelaker (1996), deve ser reduzido para 15°. Assim, temos uma sugestão mais adequada: a) *estendido* – Â maior que 165° e menor ou igual a 180°; b) *semi-fletido* – Â maior ou igual a 90° e menor ou igual a 165°; c) *fletido* – Â maior ou igual a 15° e menor que 90°; d) *fortemente fletido* – Â maior ou igual a 0° e menor que 15°.

A posição fletida do esqueleto já havia sido sugerida por Wilder (1905) e, juntamente com a semi-fletida, pela “First Archaeological Conferense on the Woodland Pattern” de 1943. Os artigos de Wilder e Whipple (1917) apresentaram significativos avanços sobre os pressupostos para o uso da “posição fletida”. O termo *compressed flexed body* como uma variação do tipo de enterramento fletido (*flexed burial*) foi aplicado por Lothrop (1954). Sprague (1968) propôs, antes de Ubelaker (1996), o termo “fortemente fletido” (*tightly flexed*), útil quando cuidadosamente definido durante sua aplicação.

Blackwood e Simpson (1973) estabeleceram códigos para a identificação e posição das unidades ósseas do esqueleto que facilitam a leitura de croquis-desenhos esquemáticos dos enterramentos: na seqüência da descrição de um enterramento, os termos direito (D) e esquerdo (E) referem-se sempre aos lados direito e esquerdo do esqueleto; os termos superior e inferior, proximal e distal, medial e lateral são igualmente utilizáveis no senso anatômico; os termos por cima, em baixo, acima e abaixo, em torno referem-se às posições das unidades ósseas do esqueleto na cova e em relação às demais estruturas e unidades ósseas; as unidades ósseas,

sempre identificadas em contexto, recebem as siglas Sc (escápula), Cl (clavícula), P (pelve), U (úmero), R (rádio), Ul (ulna), F (fêmur), T (tíbia), todos acompanhados de D ou E (direito ou esquerdo).

Na seqüência da descrição de um enterramento em contexto arqueológico, esses autores adotaram termos específicos para o posicionamento do corpo (horizontal e vertical e/ou oblíqua) e dos membros inferiores em relação a uma linha de orientação geral do tronco, bem como uma lista de posições gerais do esqueleto.⁷ Estes termos estão na Tabela 7.

(7) Os termos descritos por Blackwood e Simpson (1973) para a descrição dos enterramentos quanto a sua fragmentação e/ou posição são: *supine extended burial; unusual kind; flexed burial lying on the left side; reclining supine burial* (com fêmures e tíbias verticalmente ao corpo); *fully extended burial with the body in a straight line lying on the right side; supine flexed burial with the head inclined to the left; supine flexed burial; supine burial; fully extended supine burial; very fragmentary skeleton; very fragmentary skeleton lying on the right side; fragmentary prone burial; fragmentary flexed burial; fragmentary extended supine burial; very fragmentary flexed skeleton; very incomplete skeleton extending; fragmentary skeleton, apparently buried supine with the legs flexed upwards; squatting burial; flexed burial with the body lying on the right side; a prone extended burial; extended supine burial; supine burial, apparently extended; flexed squatting burial; fragmentary burial, apparently on the right side; flexed prone burial; severely flexed burial lying on the right side, semi-prone; apparently an extended supine burial and flexed supine burial in association with other skeleton (s).*

Entretanto, segundo Ubelaker (1996), convém considerar a flexão dos membros inferiores pela obtenção dos ângulos formados entre os eixos longitudinais dos fêmures e das tíbias. Neste procedimento são utilizados os mesmos termos aplicados para os ângulos entre o eixo da coluna e os fêmures.

Saxe (1971) estabeleceu cinco códigos para descrever os graus formados pelos ângulos de flexão entre o fêmur e a coluna vertebral, entre o fêmur e a tíbia, entre a coluna vertebral e os úmeros e entre os úmeros e as ulnas: 1 = ângulo aproximado de 45° (médio), 2 = ângulo menor que 45° (fechado), 3 = ângulo de 45° a 90° (moderado), 4 = entre moderado e estendido (aberto), 5 = ângulo de 180° (estendido).

A posição dos membros⁸ superiores (Mygoda 1979: 188-189) pode ser dividida em quatro categorias: estendidos ao longo do corpo, cruzados sobre a pelve, dobrados sobre o tórax ou voltados para a cabeça. Esses termos, devido a sua não exclusividade, podem ser aplicados individualmente para cada membro superior. Em Tenório (Uchôa 1973) os esqueletos não apresentaram, em sua maioria,⁹ essas categorias nos dois membros superiores: ocorriam duas posições diferentes para cada membro superior simultaneamente. Os graus de flexão – associados à posição – são os mesmos que para os membros inferiores sugeridos por Saxe (1971). Ele estabeleceu três posições básicas para o esqueleto (deitado ou em decúbito 1 – do lado esquerdo, 2 – do lado direito, 3 – de costas),¹⁰

(8) Esta posição é observada em relação à superfície em que o membro se acha apoiado e em relação aos ângulos formados pelos eixos longitudinais dos ossos articulados.

(9) O esqueleto do enterramento XIX de Tenório apresentava os membros superiores com as mãos junto ao crânio. Em outros casos, como nos esqueletos dos enterramentos XX, XXVI e XXVIII, somente um dos membros superiores estava voltado para o crânio, enquanto o outro encontrava-se estendido, em direção ou sobre a pelve ou fletido sobre o ventre ou tórax.

(10) Decúbito dorsal – com o dorso voltado para baixo; decúbito ventral – com o ventre voltado para baixo; decúbito lateral direito – com o lado direito do corpo voltado para baixo; decúbito lateral esquerdo – com o lado esquerdo do corpo voltado para baixo; outras posições – sentado, em suspensão (quando preso a um suporte que lhe impede o apoio total na superfície): todos esses termos referem-se à posição do cadáver (esqueletizado ou não) em relação à superfície em que foi depositado.

podendo apresentar torções em três regiões do corpo: na região da escápula e membros superiores e da pelve (inclinados ou voltados posteriormente ou anteriormente) e região dos membros inferiores (voltados à esquerda ou à direita da coluna vertebral). As mãos podem estar dispostas na região da cabeça ou tórax ou na região abdominal, pélvica e dos membros inferiores. Esses termos para as posições aplicam-se a enterramentos primários simples, com um só indivíduo. O autor distingue outras posições para as mãos em enterramentos duplos, acrescentando as informações: mãos na região da cabeça ou coluna vertebral do outro indivíduo. Entretanto, essas posições não ocorrem exclusivamente para as mão direita e esquerda, podendo ocorrer distintas posições simultaneamente, uma para cada mão.

A terceira categoria de posições está relacionada com a rotação da cabeça, definida pelo movimento da mesma em um plano lateral ao redor de um eixo central. Assim, a porção anterior do crânio – face – pode estar voltada para a direita, esquerda, anteriormente, para o tórax ou voltada para trás. No caso dos esqueletos de inumações primárias, a indeterminação do *facing* ou das posições dos membros indica um estado de perturbação e desarticulação dos ossos ocasionadas pelos processos formativos do depósito arqueológico.

A *orientação do esqueleto* é definida pela direção da cabeça a partir da linha formada entre o centro do crânio e o centro da pelve. Assim, segundo Rose (1922): “(...) *por orientação eu entendo facing, a situação de maneira que a face do cadáver está voltada em uma direção dada*” (Rose 1922: 127).

Na literatura arqueológica, termos semelhantes a “cabeça direcionada para” ou “crânio voltado para” muitas vezes são usados para indicar *orientação*. Uchôa (1973) adotou a orientação em relação à direção do eixo crânio-bacia, no sentido da pelve para o crânio e da face – face voltada para –, ambas em relação aos pontos cardeais. Dois ou mesmo três tipos de orientação podem ser obtidos (Sprague 1968), como a da *cova*, do *invólucro/recipiente* e do *corpo*. A orientação da cova e do invólucro é determinada pelos seus eixos longitudinais, sempre no sentido do crânio. A orientação do corpo quando posicionado horizontalmente refere-se à direção da posição da cabeça em relação à linha formada entre os centros do

crânio e da pelve (Heizer 1958). A orientação de um enterramento vertical (sentado) refere-se à *direção* para a qual a face ventral do corpo está direcionada podendo, ainda, ser entendida em termos de *graus*, através dos pontos cardeais e suas subdivisões. Outro ponto de orientação está na direção do plano da face do crânio.

Blackwood e Simpson (1973) determinaram a orientação do esqueleto através de um alinhamento geral do corpo em direção ao crânio. Em enterramentos estendidos – *extended burials* –, essa linha ou eixo de orientação – *orientation line* – geralmente coincide com a linha que conecta o centro dos ossos dos pés com o centro do crânio. Nos enterramentos com esqueletos fletidos, os *flexed burials*, está representada pela linha central e longitudinal do tronco, independentemente da posição dos membros inferiores. Trata-se de uma linha de orientação que não considera os eixos formados pelos pontos centrais forame magno-sacro – da coluna vertebral – ou do crânio-pelve especificamente. Embora impreciso para o cálculo da orientação em relação aos pontos cardeais, colaterais e/ou subcolaterais,¹¹ é uma das únicas possibilidades de se estabelecer uma orientação possível para esqueletos desarticulados e sob a forma de *bundle burials* ou em enterramentos secundários múltiplos. Aí, a relação de conexão anatômica necessária para a determinação de pontos e estabelecimentos de eixos ou linhas direcionais inexistem, tornando-se possível estabelecer essa linha pelo eixo longitudinal mais longo do conjunto de ossos, cuja orientação é dada em graus.

Duas outras categorias de informações referentes ao enterramento estão representadas pela mensuração da sua *profundidade*, isto é, da espessura da cova, seu *nível estratigráfico* em relação à superfície do sítio, a profundidade dos ossos mais superficiais e aqueles situados mais inferiormente na cova. Esse procedimento de obter os níveis superior, inferior e médio e mensurar os esqueletos, seus materiais associados e a cova foi amplamente utilizado por Uchôa (1970, 1973) nos enterramentos dos sítios Piaçaguera, Tenório e Mar Virado, no litoral de São Paulo.

(11) Ver novos sistemas de localização e direcionamento de eixos de ossos longos através do uso de GPS em mapeamentos sucessivos de inumações.

Mensurações como o *comprimento e largura máximos* do esqueleto e a posição de todos os acompanhamentos funerários a partir de pelo menos dois pontos de referência no esqueleto constituem o segundo grupo de informações proposto por Ubelaker (1996). Ademais não são raras as tomadas de medidas osteométricas durante a exposição de esqueletos em campo,¹² em decorrência da iminente fragmentação e impossibilidade da retirada de ossos com diáfises ou especialmente as epífises íntegras para posterior mensuração em laboratório.

Informações complementares às categorias vistas até aqui como o tipo de enterramento, posição, orientação e mensuração, também exclusivas de campo, referem-se à observação das condições patológicas e tafonômicas do esqueleto, que podem ser destruídas durante a exumação do mesmo, devendo ser, na medida do possível, registradas *in situ*.

Excepcionalmente, em áreas com condições de umidade, temperatura, pressão e pH favoráveis à preservação de materiais perecíveis como tecidos orgânicos, vegetais, cabelo, entre outros, estes podem aparecer no contexto arqueológico do enterramento, devendo ser escavados e removidos com técnicas adequadas. Amostras de solo retiradas ao redor do esqueleto e analisadas quanto a sua composição química e física funcionam como guias sobre a variação do grau de acidez ou alcalinidade do solo e sua relação com o estado de erosão e preservação dos ossos. Esses sedimentos do interior da cova podem conter microfragmentos de artefatos, ossos de fetos, restos de alimentação/ oferendas, bem como grãos de pólen e outros. As inclusões naturais como os raros fragmentos conservados de larvas de insetos necrófagos que atuaram no processo de decomposição do cadáver podem servir de indicadores dos intervalos anuais em que os enterramentos foram realizados.

Sprague (1968) sugere para o registro dos acompanhamentos funerários o critério da sua *disposição* em relação ao corpo e a cova. Os

(12) A antropóloga do Laboratório de Antropologia Física do Musée de l'Homme de Paris, Dra Evelin Perry, realizou diversas mensurações de esqueletos *in situ*, durante as escavações no sítio Justino, Piranhas, Sergipe, feitas pela equipe de arqueólogos da Universidade Federal de Sergipe conveniada com a CHESF em 1992.

ornamentos anexados ao corpo e vestimentas são, possivelmente, traços do processo de preparação do corpo. Entretanto essa distinção pode não ser determinada em um contexto arqueológico. Esse material pode estar dentro, sob, sobre ou junto de alguma região do corpo, bem como preenchendo a cova. As marcas, testemunhos da existência da cova, como blocos líticos, nichos e demais estruturas que a conformam podem ser consideradas como uma classe especial de materiais associados: as estruturas funerárias, dispostas com evidente intencionalidade durante a deposição do morto.

O material associado ao enterramento está representado, como dado observável no contexto arqueológico, pelos itens não perecíveis, como as valvas de moluscos, ossos e dentes de animais, exoesqueletos de equinodermas e crustáceos. Tem sido considerados com a mesma significação os termos “material associado” e “acompanhamento funerário”. Esta categoria funerária aparece como “oferendas presentes na cova”, “mobiliário funerário” (*mobilier funéraire, grave furniture*), “oferendas funerárias” (*grave offerings*), “mobiliário mortuário” (*mortuary furniture*), “*beigaben*”, que são tidos como menos precisos por implicarem função e intencionalidade precisas. Constituem os *grave goods* ou as *inclusions* de Sprague (1968) e Hodson (1977), os *clothes and ornaments, ornaments, insignia and amulets* e os *offerings for the dead, food and drink* e *companions*, de Alexander (1969) e os *ajuar y elementos asociados* de Femenías *et al.* (1990). Ubelaker (1996) sugere as “associações” – materiais associados –, divididas em artefatos e espécies (fauna). Essas “associações” podem corresponder aos materiais perecíveis e aos itens não culturais. Heizer (1950) sugere “objetos associados”, divididos em artefatos e ornamentos. Uchôa (1973) utilizou o termo “materiais associados” para designar os objetos associados ao esqueleto, de deposição intencional e relacionados ao processo de preparação do corpo e de caráter funerário. Esses materiais associados comporiam três grupos: os representativos do padrão de enterramento, como os restos de fogueiras, carvão, ocre, blocos líticos, sedimentos e restos vegetais; um grupo de restos de fauna em valvas de moluscos, ossos e dentes, todos sem trabalho e o dos artefatos líticos, ósseos, conchíferos e em dentes. A disposição desses materiais associados junto ao corpo e na cova deve ser documentada precisamente, pois segundo Ubelaker

(1996) funciona como um dos indicativos da *função* desse material.

O ocre sob a forma de pigmento ferrífico pulverizado ou em blocos de hematita compacta, limonitizada, constitui outro tipo de material associado encontrado nos enterramentos, recobrendo partes ou totalmente os esqueletos e demais acompanhamentos. Esse tipo de material foi descrito em Menghin (1931), Obermeier (1912) e Tiburtius e Leprevost (1952). Referindo-se a materiais corantes e esqueletos pintados de oito sambaquis da região sul do Brasil, Tiburtius e Leprevost (1952:151) descrevem as análises químicas procedidas em fragmentos de hematita polida (utilizadas como adorno?), desbastadas por atrito e/ou raspagem, para a obtenção do pigmento corante em pó. Nos sambaquis onde foram encontradas estas pedras corantes, ocorriam esqueletos de adultos ou crianças, depositados sobre camadas desse pigmento vermelho e recobertos – também seus acompanhamentos funerários – de uma “fina película” do mesmo pigmento. Sobre as observações de Menghin (1931) e Obermeier (1912) a respeito de esqueletos pintados encontrados nas grutas de Grimaldi, em Mentone e em outros sítios europeus, Tiburtius e Leprevost (1952) relataram que “(...) muitas vezes os defuntos eram colocados em uma superfície plana revestida de uma camada de óxido de ferro vermelho e pulverizados com este pigmento. Tão logo a carne se decompunha, o óxido de ferro depositava-se nos ossos e adornos, que tomavam uma coloração fortemente avermelhada. Não se pode supor (...) que a carne fosse previamente retirada, coloridos os ossos e em seguida adicionada, para então sepultar, pois do contrário não se encontrariam os esqueletos tão bem conservados e em perfeita disposição anatômica (...) além de esqueletos, também objetos vários foram encontrados recobertos por vermelho” (Tiburtius e Leprevost 1952: 153-154).

Diferentemente dos casos encontrados por Verneau nas grutas de Grimaldi e demais sítios europeus, os esqueletos pigmentados dos sambaquis do Paraná e Santa Catarina representam uma minoria de ocorrências, com ossos superficialmente e homogeneamente coloridos de pigmento ocre. Entretanto, estudos referentes aos problemas de interpretação cultural do corante vermelho no interior das práticas funerárias, no contexto da

evolução humana (Wreschner 1980) e mesmo sobre suas características físico-químicas (Tiburtius e Leprevost 1952; Faria *et al.* 2002), forma de elaboração e de pigmentação do corpo do morto – o pigmento é espargido, depositado em blocos que se diluem e/ou como pigmentos misturados a aglutinantes/fixadores que são aplicados sobre a epiderme do cadáver ou na superfície de ossos já limpos? – por populações extintas são ainda raros, especialmente no Brasil.

Os procedimentos de preparação da área do enterramento por meio da construção de *mounds*, postes, fossos, rampas, cercados e plataformas de pedra, turfa ou madeira resultam na variação de textura e coloração do solo, bem como na visibilidade do enterramento ou do conjunto de enterramentos no sítio arqueológico, em especial na Europa e norte da África.

Outro critério, referente à *articulação entre os ossos* ou *conexão anatômica* é observado pela sua *gradação*. Somente em enterramentos primários ou em corpos que sofreram processos moderados de redução é possível a evidênciação de esqueletos articulados. A *semiarticulação* ou *articulação parcial* refere-se à condição na qual uma unidade óssea está na ordem da sua conexão anatômica com outra, entretanto, encontra-se além dos limites das cápsulas articulares. Um esqueleto *rearticulado* é aquele em que foi feita uma tentativa de rearticulação intencional das unidades ósseas, após um primeiro processo de desarticulação por destroncamento, desmembramento, espostejamento por traumas, decomposição intencional das cápsulas sinoviais pelo processo lento ou rápido de esqueletização por enterramento temporário, submersão para maceração ou exposição controlada do corpo a animais necrófagos. Os graus de *articulação* do esqueleto, segundo Ubelaker (1996) e Brown (1971), podem ser: 1) *completa*, em que todos os ossos do esqueleto estão na posição e articulação corretas ou 2) *parcial*, em que alguns ossos estão em conexão anatômica. A articulação parcial entre as unidades ósseas do esqueleto pode indicar um período de tempo entre a morte e a deposição e a estimativa desse período. Normalmente os ossos das mãos, pés, costelas e vértebras são encontrados parcialmente articulados devido a sua mobilidade por processos pós-deposicionais formativos do substrato arqueológico em que estão inseridos e ao próprio processo de esqueletização e acomodação desses ossos. Um

terceiro grau, em que inexistente conexão anatômica completa ou parcial é o estado de desarticulação entre as unidades ósseas.

Quando o corpo foi enterrado incompleto e desarticulado, especialmente se não apresenta pequenos ossos, um longo período, possivelmente meses, se não anos, separam o momento da morte e o do enterramento final. Muitos tipos de armazenagem ou enterramentos temporários podem ter sido praticados nesse período, ocasionando a perda de alguns ossos. O crânio, a mandíbula, determinados dentes e outros ossos longos poderiam ter sido extraídos nesse mesmo período para fins rituais ou pela ação de animais que ocasionariam quebras, roeduras e extravios.¹³ Assim, um mesmo esqueleto pode apresentar ossos nos três graus de articulação: completamente *articulados*, *parcialmente desarticulados* e *desarticulados*. A observação das posições dos ossos fornece informações para serem usadas na reconstituição de aspectos da prática funerária do grupo, assim como excluir ou incluir a ação de determinados processos após a deposição. O termo “rearticulação”, empregado por Haglund (1976), implica em uma articulação artificial e intencional de origem antrópica, fazendo parte da etapa de tratamento e deposição do corpo na cova.

Lothrop (1954), escavando enterramentos na praia de Venado, no Panamá, trabalhou com esqueletos desarticulados e articulados de corpos que teriam sido enterrados ainda vivos, em rituais de suicídio, após morte involuntária sacrificial e com mutilação pela decapitação ou extração de caninos. A observação dessas formas de morte a partir dos restos esqueléticos decorre das posições dos ossos e as marcas de lesões que apresentam. Nos casos de corpos enterrados ainda vivos, os esqueletos estavam com mandíbulas abertas e os ossos dos dedos *sugerindo* movimentação das mãos. A morte involuntária, decorrente de rituais de sacrifício em Venado teriam deixado suas

(13) Modificações iniciais dos vestígios são condicionadas pela atividade dos agentes tanatófagos. Marcas e alterações deixadas pela ação de uma variável *fauna cadavérica* durante os estágios de decomposição do corpo humano observadas como traços cronotanatológicos indicadores da época da morte e da deposição constituem dados normalmente estudados em Medicina Legal, mais especificamente pela Tanatologia Forense e, mais tardiamente, pela Arqueologia Forense.

marcas *in situ*, na região posterior das vértebras lombares e nas cervicais, partidas em vida, identificável pela posição anormal, desarticulada do crânio e torção brusca das cervicais por destroncamento. Em outros casos, esqueletos de adultos são encontrados sob a forma de *bundle burials* em urnas ou articulados junto a urnas contendo esqueletos de crianças, também em conexão anatômica. Para Lothrop (1954) os *bundle burials* consistem de ossos que foram preservados após o descarnamento para serem depositados em cova permanente.

Nas mutilações, partes do corpo são removidas em rituais e novamente depositadas junto do corpo. No caso dos crânios e dentes, estes podem ser removidos e não mais rearticulados, sendo enterrados como “troféus”, com corpos não mutilados. As marcas de remoção dos crânios – cortes – podem estar nos côndilos da mandíbula e no atlas de esqueletos articulados.

Segundo Lothrop (1954), os enterramentos de acordo com os problemas que encontrou no sítio da praia de Venado, apresentaram-se nos seguintes tipos: *fletido* (de costas, de frente, dos lados direito ou esquerdo), *estendido* (de costas, de frente, dos lados direito e esquerdo), *sitting burials* (sentado), *infant burials*, *bundle burials*, *urn burials*, *mouth open-alive* e as *mutilations*, eventos exclusivos. Estes últimos podem apresentar lesões somente no crânio, ausência deste, mandíbula ausente, membro superior ausente, pé ausente, outros ossos ausentes, dente extraído, falanges de dedos amputadas, dedos sobre o crânio, esqueletos com marcas de esponejamento, decapitação, com lesão contusa das vértebras dorsais, lombares ou das cervicais.

Por outro lado, os fenômenos *cadavéricos transformativos, conservativos e destrutivos* (Gonzales *et al.* 1954), podem ou não deixar suas impressões *in situ*. Assim, a ação dos animais necrófagos e grupos entomológicos podem intervir no desaparecimento das partes moles do cadáver, esqueletizando-o, assim como sobre os materiais perecíveis associados ao corpo. O processo de *esqueletonização*, resultante da ação de uma fauna entomológica relacionada ao processo de *miasis cadavérica* foi estudado por Bertomeu (1975) e Spitz e Fisher (1977), entre outros. A esqueletização resulta no desaparecimento das cápsulas sinoviais e dos ligamentos articulares entre os ossos, permitindo

a mobilização dos mesmos pela ação de quaisquer processos formativos do sítio arqueológico.

As modificações *post mortem* do corpo foram definidas por White (2000) como decorrentes da ação de animais necrófagos, das práticas funerárias, do canibalismo, decomposição química, da cremação e da fragmentação intencional dos ossos. Assim, não perfazem apenas a ação dos agentes naturais, mas também resultam da intervenção antrópica, ocorrendo antes, durante ou após a deposição. Os aspectos tafonômicos, classificados em biológicos, físicos e antrópicos, foram estudados sob uma perspectiva arqueológica por White (2000), Haglund e Sorg (1997), Henderson (1987) e Bonnichsen e Sorg (1989).

Em Duday (1978) e Duday e Manet (1987) é ressaltada a importância da comunicação constante entre o arqueólogo e o osteólogo durante as sucessivas fases de escavação dos remanescentes esqueléticos. A disposição do esqueleto informa sobre como o corpo teria sido depositado. As circunstâncias culturais e tafonômicas envolvidas após a morte e o enterramento influenciam no estado de conservação apresentado pelo esqueleto e no direcionamento das estratégias de escavação, descrição, registro, consolidação, transporte e restauro do material, bem como no estudo das coleções esqueléticas constituídas.

As formas de enterramento podem ser classificadas e sistematizadas considerando-se as terminologias vistas até então, de acordo com as variáveis de campo e de laboratório que se seguem: a) tipo de *deposição funerária* (enterramento) e de *tratamento dado ao corpo*, por descarnamento e desarticulação, pigmentação e/ou queima, entre outros; b) identificação das *características das condições da deposição funerária*, com a localização espacial em relação a outras estruturas arqueológicas e enterramentos; orientação, forma e dimensões da cova; c) tipo, número, localização e dados morfooscópicos e morfométricos dos materiais associados ao corpo no enterramento e d) estado de preservação dos esqueletos, número mínimo de indivíduos, sexo, idade biológica e patologias (Cheuiche Machado 1995).

Conclusões e sugestões

A partir dessa breve revisão das terminologias e classificações que pareceram mais significativas

para podermos planejar uma discussão sobre como descrever e compreender os vestígios funerários no contexto arqueológico, no âmbito de uma Arqueologia da Morte, foram escolhidas e adaptadas as variáveis funerárias observáveis tanto em campo quanto em documentações visuais já produzidas durante antigas escavações. O objetivo final desse levantamento é instrumentalizar uma *reconhecimento visuográfica* sistematizada de deposições funerárias nos variados contextos arqueológicos e fazer um bom uso dos seus registros fotográficos, com vistas à catalogação das coleções esqueléticas e dos materiais associados; contribuição com os métodos e técnicas de escavação de deposições funerárias, em especial aquelas encontradas em todo o litoral brasileiro e em sítios de interior, representando parcelas do comportamento funerário e das características bioarqueológicas de populações pescadoras-coletoras-caçadoras e horticultoras.

A proposição que sugerimos para esquematizar a leitura dos sepultamentos humanos em contexto arqueológico, baseada em sugestões terminológicas como as de Sprague (1967), Ubelaker (1996), Brothwell (1981), Heizer e Grahn (1967) e Heizer (1950), entre outros descritos anteriormente, considera as seguintes características básicas:

a) as características da *deposição*: o aspecto da primeiridade ou secundidade de uma deposição funerária é indicado, *a priori*, pela presença ou ausência de conexão anatômica entre as unidades esqueléticas. Nesse caso a interferência de fatores *pos deposição*, biológicos ou naturais pode dificultar a identificação da intencionalidade ou não intencionalidade antrópica desse aspecto, observável em contexto arqueológico. O processo de redução do corpo pela queima pode resultar em outro aspecto da deposição funerária: a *cremação* (Ubelaker 1996). Temos por essas características o *tipo de sepultamento* (primário, secundário, terciário, cremação, restos esparsos). A *deposição* pode ser compreendida como contenedora das características b), c) e d), descritas a seguir;

b) as características do *corpo*:

b.1) o critério da *articulação*: considerando a ausência de *conexão anatômica generalizada* entre as unidades esqueléticas, a identificação e direcionamento das mesmas (o

sentido proximal-distal nos fragmentos de diáfises) deve ser registrado;¹⁴

b.2) o critério da *posição*: considerando a presença de conexão anatômica generalizada entre as unidades esqueléticas, uma classificação das *disposições dos membros e posição do corpo* tem sido comumente empregada. O primeiro tipo de *posição do corpo* refere-se à forma como este foi depositado na cova: horizontalmente, em *decúbito* (lateral direito, esquerdo, ventral ou dorsal), verticalmente, *sentado* (com *eixo crânio-bacia* perpendicular ou inclinado para cima ou para baixo em relação ao plano da base da cova), entre outras variações; a *flexão do corpo* (estendido, semi-fletido, fletido, fortemente fletido) é dada pelo grau de flexão entre os eixos longitudinais dos fêmures e o eixo crânio-bacia; a *posição da cabeça* refere-se sempre ao lado para o qual a face está voltada (para a frente, para o lado direito, lado esquerdo, para trás, para baixo – com mento sobre o esterno –, para cima); *posição das mãos e dos pés* (cruzados, cruzados sobre o tórax, sobre a pelve, sobre a face, entre outras); a *disposição dos membros* (estendidos, semi-fletidos, fletidos, fortemente fletidos), com membros superiores¹⁵ estendidos ao longo do corpo, voltados para frente, para trás, para a direita ou esquerda, para cima; as *torções* na região das cinturas escapular e pélvica (voltadas para o lado direito, esquerdo, para baixo ou para cima, sempre em discordância com as posições esperadas para o decúbito e as demais. Embora subjetivas, podem ser quantificadas pela mensuração dos ângulos formados entre os eixos longitudinais dos ossos longos entre si e entre a coluna vertebral, sugeridos por Saxe (1971) e Ubelaker (1996).

(14) Nesse caso, em esqueletos fragmentados, o direcionamento proximal-distal (P-D) das diáfises pode ajudar na identificação de possíveis áreas em conexão anatômica ou mesmo auxiliar na identificação de rearticulações ósseas intencionais ou de áreas semi-articuladas do esqueleto.

(15) Nos membros inferiores, os graus dos ângulos formados entre os eixos longitudinais dos fêmures e o eixo crânio-bacia têm sido empregados para mensurar a flexão do esqueleto (do corpo ou do “enterramento”).

b.3) o critério da *orientação*: refere-se à direção – em relação aos pontos cardeais, acidentes geográficos entre outros escolhidos, escolhidos pelo pesquisador como significativas – para a qual está voltada a *face*, o *crânio* (região do *bregma*, *vertex* ou a partir do centro do neurocrânio), o *eixo crânio-bacia* (ou eixo formado pelos pontos do centro do forame occipital maior – centro do canal vertebral da primeira vértebra sacral, ou eixo da coluna vertebral) e o *ventre* (região anterior do abdômen). Esse critério da orientação merece discussões, considerando a total ausência de informações sobre as preferências quanto à orientação dos corpos entre as populações extintas da costa brasileira, excetuando-se as informações etnográficas. Trata-se de item inespecífico;

b.4) o critério do *número mínimo de indivíduos* presentes na mesma cova:¹⁶ são empregados os termos *simplex* (para um único indivíduo), *duplo* (para dois indivíduos), *triplo* (para três indivíduos), *múltiplo* (para mais de três indivíduos). São ainda encontrados termos como *em massa* e *coletivo*, designando deposições funerárias com número elevado de indivíduos depositados em uma mesma cova;

b.5) outros critérios referem-se à *identificação* e cuidados durante a *evidenciação* e *retirada* de fragmentos ou ossos completos, com as seguintes características: patologias, pseudopatologias, caracteres epigenéticos, caracteres para dimorfismo sexual ou cálculo de idade da morte, traços de lesões causadas *antemortem*, *perimortem* ou *postmortem* (descarnamento), com sinais de queima ou carbonização total. Os dentes articulados ou não aos ossos alveolares requerem cuidados especiais, pois podem apresentar caracteres como acúmulos de tártaro salivar, abscessos que resultaram em pouca sustentação óssea do dente e superfícies de atrição dentária que podem sofrer perdas e deslocamentos irreversíveis durante a escavação, assim como amostras para análises bioquímicas e biofísicas.

O processo de sedimentação e seus padrões de orientação espacial sobre os vestígios e suas relações com os danos causados aos ossos deve ser considerado (Gifford 1981);

c) as características do *material associado* no enterramento: referem-se a uma primeira identificação em campo sobre a situação dos mesmos em relação às unidades esqueléticas (podem estar sob, sobre, junto à extremidade proximal, em volta, do lado direito, esquerdo, dentro). Neste caso, a localização de artefatos e ecofatos, bem como de estruturas constitutivas da cova são importantes para o estabelecimento das relações associativas *intencionais* e *não-intencionais*. Em campo temos o início da quantificação e qualificação desses materiais, aprimoradas com os implementos tecnológicos e as análises e classificação (a exemplo de Tixier 1980) em laboratório; os blocos líticos, carvão (remanescentes de fogueiras ou braseiros) e ocre constituem materiais associados no enterramento que podem fazer parte da preparação do corpo ou da cova, normalmente associados à ritualização funerária, ao comportamento funerário. Referem-se aos acompanhamentos funerários, às estruturas funerárias associadas e às inclusões naturais;

d) as características da *cova*: comumente difíceis de observação em contexto arqueológico, as *dimensões* e *forma* (comprimento, largura, profundidade mínimos e máximos; formas circular, oval, quadrangular, retangular, superficialmente em forma de morrote, com estruturas visíveis ou não à época do enterramento), *orientação* (do eixo longitudinal, no sentido pelve-crânio) e *conteúdo*¹⁷ (tipos de sedimentos de preenchimento, estruturas de revestimento e cobertura, intrusões), constituem características significativas no processo de registro. O *recipiente* e o *envoltório* do corpo como as urnas e as esteiras funerárias constituem elementos sempre complementares e que auxiliam na delimitação da possível área da cova: são considerados em conjunto com a cova.

(16) Este número, embora possa ser dado em campo, é também normalmente estabelecido após exames em laboratório, em especial nos casos de esqueletos extremamente fragmentados e em deposições secundárias.

(17) Os blocos líticos podem constituir elementos de proteção do corpo, portanto partes da estrutura da cova; podem ser usados na própria confecção das paredes da cova e terem servido para acentuar a visibilidade da inumação.

As terminologias e classificações descritas pelos autores, à exceção de Sprague (1969), pareceram-nos recorrentes a trabalhos anteriores, sem a introdução de termos novos (Ubelaker 1996). As raras tentativas de normalizar e clarear essas terminologias procuram reduzir e suprimir as sinonímias e ambigüidades, evitando termos referentes a morfologia técnica imprecisa, terminologias não excludentes e procurando manter termos

exclusivos para um mesmo fenômeno. A subjetividade da tipologia, privilegiando certos atributos funerários em detrimento de outros resulta na criação de novos tipos (Haglund 1976; Ubelaker 1989 e Heizer 1950), que acabam compondo um léxico terminológico em constante remodelação, enriquecendo as opções de descrição, análise e interpretação dos enterramentos humanos por parte do arqueólogo.

SILVA, S.F.S.M. Terminologies and classifications used to describe human burials: examples and suggestions. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16: 113-138, 2005-2006.

ABSTRACT: The attempt at a standard of classifications and terms to describe and observe archaeological contexts of human skeletal remains has been a recurring concern of the archaeologists and bioanthropologists. The problem is to establish which descriptive elements are important or essential for the analysis, reconstruction and interpretation of human burials inserted in substrata and several cultural systems. Among the examples of suggestions found in the consulted bibliography, it was verified that there always exists an incidence of certain variables of the mortuary data and that, in certain analyses, it is very expressive the correlation and the synergy among data of the remains of the body, of the funerary accompaniment and of the grave. To describe and classify human burials implies in the observation of the totality of funerary remains in the context of the deposition, while incorporating bioarchaeological data.

UNITERMS: Methodologies – Archaeology of Death – Human burials – Archaeological context.

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, J.
1969 *The Directing of Archaeological Excavations*. London, John Baker: 181-223.
- ALMAGRO, M.
s.d. *Introducción al Estudio de la Prehistoria y de la Arqueología de Campo*. 3 ed. Ediciones Guadarrama, Madrid: 95-278.
- ANDERSON, T.E.
1962 *The Human Skeleton. A Manual for Archaeologists*. National Museum of Canada, Ottawa: 159.
- ANGEL, J.L.
1943 *Treatment of Archaeological Skulls. Anthropological Briefs*, New York, 3: 3-8.
- BABY, R.S.
1954 *Hopewell cremation practices. Ohio Histo. Soc. Papers Archaeology, 1: 1-7.*
- BANNER, H.
1961 *O índio Kayapó em seu acampamento. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, 3.
- BARBER, E.A.
1877 *Aboriginal Funeral Customs in the United States. American Naturalist*, Cambridge, 11: 197-204.
- BARKER, P.
1977 *Techniques of Archaeological Excavation*. Universe Books, New York: 96-100.
- BASS, W.M.
1987 *Human Osteology (A Laboratory and Field Manual)*. Missouri Archaeological Society, Columbia.
- BERTOMEU, M.P. DE P.
1975 *La miasis cadavérica en la esqueletización*,

- Real Sociedade Española de História Natural, Centenario 1871-1971, Conselho Superior de Investigaciones Científicas, Madrid: 463-482.
- BINFORD, L.R.
1971 Mortuary practices: their study and their potential. J. A. Brown (Ed.) *Approaches to the social dimensions of mortuary practices*. Memoirs of the Society for American Archaeology. 25, *American Antiquity*, 36 (3): 6-29.
- 1963 An Analysis of Cremations from three Michigan Sites. *Wisconsin Archaeologist*, 44: 98-110.
- BLACKWOOD, R.; SIMPSON, K.N.G.
1973 Attitudes of Aboriginal Skeletons excavated in the Murray Valley, Region between Mildura and Renmark, Australia. *Memoirs of the National Museum of Victoria*, The William Buckland Foundation Volume. Melbourne, Australia, 34: 99-150.
- BONNICHSEN, R.; SORG, M.H. (Eds.)
1989 *Bone Modification*. Orono, Maine. Center for the Study of the First Americans.
- BRAY, W.; TRUMP, D.
1970 *A Dictionary of Archaeology*, London: 144-117.
- BRETERNITZ, D.A.; SWEDLUND, A.C.; ANDERSON, D.C.
1971 An Early Burial from Gordon Creek, Colorado. *American Antiquity*. Journal of the Society for American Archaeology. (reports), 36 (2): 170-182.
- BROTHWELL, D.R.
1981 *Digging up bones*. 3. ed. London: British Museum, Oxford University Press.
- BROWN, J. A.
1971 The dimensions of status in the burials at Spiro. J. A. Brown (Ed.) *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices*. Memoirs of the Society for American Archaeology. 25, *American Antiquity*, London, 36 (3): 92-112.
- BUIKSTRA, J.E.; UBELAKER, D.H. (Ed.)
1994 *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*. Arkansas Archaeol. Surv. Res. Ser. Fayetteville. 44.
- CHAMBERLAIN, A.
1994 *Human Remains*. Interpreting the Past, Trustees of the British Museum by British Museum Press.
- COMAS, J.
1957 Recolección, restauración y conservación de materiales óseos. *Manual de Antropología física*. Sección de Obras de Antropología. Fondo de Cultura Económica, 1ª ed., México: 411-421.
- DEDET, B.; DUDAY, H.; TILLIER, A.-M.
1991 Inhumations the foetus, nouveau-nés et nourinons dans les protohistoriques du Languedoc: l'exemple de Gailhan (Gard). *Gallia*. Fouilles et Monuments Archéologiques en France Métropolitaine. Centre National de la Recherche Scientifique, France, 48: 59-108.
- DOKLÁDAL, M.A.
1971 Further Contribution to the Morphology of Burned Human Bones. V. Novotny (Ed.) *Proc. Anthropol. Congr., Prague, and Humpolec (1969)*, Prague: 561-568.
- FARIA, D.L.A.; AFONSO, M.C.; EDWARDS, H.G.M.
2002 Espectroscopia Raman: uma nova luz no estudo de bens culturais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 12: 249-267.
- FEMENÍAS, J.; LÓPEZ, J.M.; BRACCO, R.; CABRERA, L.; CURBELO, C.; FUSCO, N.; MARTÍNEZ, E.
1990 Tipos de enterramiento en estructuras monticulares ("cerritos") en la región de la Cuenca de la Laguna Merín (R. O. U.). *Revista do CEPA*, (Anais da V Reunião Científica da SAB) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (APESC), Santa Cruz do Sul, RS, 17 (20): 345-356.
- GEJVAL, N.G.
1963 Cremations. D. Brothwell; E. H. Higgs (Eds.) *Science in Archaeology*. New York: 379-390.
- GIFFORD, D.P.
1981 Taphonomy and Paleoecology: A critical review of archaeology's sister disciplines. M.B. Schiffer (Ed.) *Advances in Archaeological Method and Theory*, New York, Academic Press, 4: 365-438.
- GONZALES, T.A.; VANCE, M.; HELPERN, M.; UMBERGER, C.
1954 *Legal Medicine (Pathology and Toxicology)*, 2ed. New York: 36-81.
- GRIFFIN, J.B.; NEUMANN, G.K.
1942 A Suggested Classification and Nomenclature for Burial Location, Position and Description. *Society for American Archaeology Notebook*. Ann Arbor, 2: 70-79.
- HAGLUND, L.
1976 *An Archaeological Analysis of the Broadbeach Aboriginal Burial Ground*. University of Queensland Press.
- HAGLUND, W.D.; SORG, M.H. (Eds.)
1997 *Forensic Taphonomy: The Postmortem Fate of Human Remains*, Boca Raton, Florida: CRC Press.
- HEIZER, R.F. (Ed.)
1950 *A Manual of Archaeological Field Methods*. The National Press, California: 39-43.
- HEIZER, R.F.; GRAHAM, J.A.
1967 Excavation and recording of skeletal remains. *A Guide to Field Methods in Archaeology (Approaches to the Anthropology of the Dead)*. Palo Alto, California, The National Press: 109-121.
- HEIZER, R.F.
1958 *A Guide to Archaeological Field Methods*. Palo Alto, California: The National Press.
- HENDERSON, J.
1987 Factors determining the state of preservation of human remains. A. Boddington; A.N. Garland; R.C. Janaway (Eds.) *Death, Desay*

- and Reconstruction. Manchester, Manchester University Press: 43-54.
- HODSON, F.R.
1977 Quantifying Hallstatt: some initial results. *American Antiquity*, 2 (3): 395-412.
- JOUKOWSKY, M.
1986 Burials. *A Complete Manual of Field Archaeology (tools and techniques of field work for archaeologists)*. New York, Prentice Hall Press: 183-197.
- KNEIP, L.M.; MACHADO, L.M.C.
1992 A Cremação e outras práticas funerárias em sítios de pescadores-coletores pré-históricos do litoral de Saquarema, RJ. VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro. *Anais*, Rio de Janeiro, 2: 457-465.
- KROEBER, A.
1927 Disposal of the dead. *American Anthropologist*, 29: 308-315.
- LOTHROP, S.K.
1954 Suicídio, sacrifice and mutilations in burials at Venado Beach, Panama. *American Antiquity*, Washington, 19 (3): 226-234.
- LYTHGOE, A.M.
1965 *The Predynastic Cemetery N 7000, Naga-Ed-Dêr, part IV.*, Los Angeles: University of California Press.
- MACHADO, L.C.
1984 Análise dos remanescentes ósseos humanos do sítio arqueológico Corondó, RJ. Aspectos biológicos e culturais. *Série Monografias*, Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro: 1.
1990 Sobre as práticas funerárias de cremação e suas variações em grutas do norte e noroeste de Minas Gerais. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul, 17 (20): 235-247.
1995 Tendências à Continuidade e Mudança em Ritos Funerários – Populações Pré-Históricas do Estado do Rio de Janeiro. M. Beltrão (Org.) *Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro* Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria do Estado de Justiça: 111-120.
- MARTÍN, G.
1994 Os Rituais Funerários na Pré-História do Nordeste. *CLIO*, Série Arqueológica, 10: 29-46.
1996 A vida espiritual: o culto aos mortos. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Ed. Universitária da UFPE: 281-294.
- MENGHIN, O.
1931 *Weltgeschichte Der Stenzeit*. Wein: Anton Scholl & Co.
- MONTARDO, D.L.
1994 Algumas reflexões sobre o uso das informações etnográficas como ferramenta para o estudo dos vestígios funerários na Arqueologia Brasileira. M. Consens; J.M.L. Mazz; M. del C. Curbelo (Eds.) *Arqueologia en el Uruguay: 120 años después* (VIII Congreso Nacional de Arqueologia Uruguaya), Museo Regional Francisco R Mazzoni, Maldonado: 437-438.
- 1995 *Práticas Funerárias das Populações Pré-coloniais e suas evidências arqueológicas (reflexões iniciais)*, Dissertação de Mestrado, PUC, RS.
- MYGODA, J.
1979 Metodologia Pericial para exames em locais de morte violenta (homicídio, suicídio, acidente, tentativa) – Elementos do Cadáver. *Revista da Polícia Civil, Anais*, Escola de Polícia Civil, Estado do Paraná, 7: 188-189.
- OBERMEIER, H.
1912 *Der Mensch aller Zeiten*. I. Der Mensch der Vorzeit, Allgemeine Verlags Gesellschaft, Berlin: 190.
- ORR, R.B. (Ed.)
1919 Mortuary Customs of Our Indian Tribes. *Annual Archaeological Report*. Report of the Minister of Education, Toronto.
- ROBINSON, W.J.; SPRAGUE, R.
1965 Disposal of the Dead at Point of Pines, Arizona. *American Antiquity*, 30 (4): 442-453.
- ROHR, S.J.A.
1960 Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina, n.II – 1959. *Pesquisas* (Antropologia), Rio Grande do Sul: Instituto Anchietao de Pesquisas: 8-19.
- ROKSANDIC, M.
2002 Position of Skeletal Remains as a Key to Understanding Mortuary Behavior. W.D. Haglund; M.H. Sorg (Eds.) *Advances in Forensic Taphonomy. Method, Theory, and Archaeological Perspectives*. CRC Press, LLC: 99-117.
- ROMERO, J.
1939 Técnica antropológica de exploración, XXVII Congreso Internacional de Americanistas, Sesión de México, México, 1: 156-177.
- ROSE, H.J.
1922 Celestial and Terrestrial Orientation of the Dead. *Journal of Royal Anthropological Institute*, London, 52 (1).
- SAXE, A.
1971 Social dimensions of mortuary practices in a Mesolithic population from Wadi Halfa, Sudan. J. Brown. Approaches to the social dimensions of mortuary practices. *Memoirs of the Society for American Archaeology*. 25: 39-57.
- SHARER, R.J.; ASHMORE, W.
s.d. The Nature of Archaeological Data. *Fundamentals of Archaeology*. London, Benjamin Cummings Publishing Company: 66-106.
- SHIPMAN, P.; WALKER, A.; BICHELL, D.
1985 *The Human Skeleton*. London, Harvard University Press: 343.
- SPITZ, W.V.; FISHER, R.S.
1977 *Medicolegal Investigation of Death*, 2 ed. Springfield, Thomas.

- SPRAGUE, R.
 1959 *A Comparative Cultural Analysis of an Indian Burial Site in Southeast Washington*. Master's thesis, Washington State College (University), Pullman.
 1965 *The Descriptive Archaeology of the Palus Burial Site, Lyons Ferry, Washington. Report to US my Corps of Engineers*. Walla Laboratory of Anthropology, Washington State University, Pullman.
 1968 A suggested terminology and classification for burial description. *American Antiquity*, 33 (4): 479-485.
- STEELE, D.G.; BRAMBLETT, C.A.
 1989 *The Anatomy and Biology of the Human Skeleton*. Texas A & M University Press.
- STEWART, T.D.
 1979 *Essentials of Forensic Anthropology*. Springfield, Illinois, USA: Charles C. Thomas Publisher.
- SWEDLUND, A.C.; WADE, W.D.
 1972 *Laboratory Methods in Physical Anthropology*. Arizona: Prescott College Press.
- TAINTER, J.A.
 1978 Mortuary Practices and the Study of Prehistoric Social Systems. M.B. Schiffer (Ed.) *Advances in Archaeological Method and Theory*. New York, Academic Press, 1: 105-141.
 1975 Social inferences and mortuary practices: an experiment in numerical classification. *World Archaeology*, 7: 1-15.
- TIBURTIUS, G.; LEPREVOST, A.
 1952 Sôbre a ocorrência de pedras corantes e esqueletos pintados, nos sambaquis dos Estados do Paraná e Santa Catarina. *Arquivos de Biologia e Tecnologia*, 7 (17): 149-155.
- TIXIER, J.; INIZAN, M.; ROCHE, H.
 1980 *Préhistoire de la Pierre Taillée (1-Terminologie et technologie)* Cercle de Recherches et d' Etudes Pré-historiques, Valbonne.
- UBELAKER, D.H.
 1974 Reconstruction of Demographic Profiles from Ossuary Skeletal Samples: A Case Study from the Tidewater Potomac. *Smithsonian Contributions to Anthropology*. Washington D C, 18.
 1981 The Ayalan Cemetery: A Late Integration Period Burial Site on the South Coast of Ecuador. *Smithsonian Contributions to Anthropology*. Washington DC, 29.
- 1989 *Human Skeletal Remains: Excavation, Analysis, Interpretation*. Chicago , Aldine, 2nd Edition.
 1996 *Human Skeletal Remains (excavation, analysis, interpretation)*. Manuals on Archeology 2. Smithsonian Institution, Washington.
- UCHÔA, D.P.
 1973 *Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análise de dois sítios pré-cerâmicos do litoral paulista*. Tese de Doutorado. Rio Claro, 230p.
 1969/1970 Nota prévia sobre os sepultamentos de Piaçaguera. *Estudos de Pré-História Geral e Brasileira*. São Paulo, IPH/USP: 487-491.
- UCKO, P.J.
 1969 Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. *World Archaeology*, 1: 262-281.
- VAN VARK, GN.
 1970 *Some Statistical Procedures for the Investigation of Prehistoric Human Skeletal Material*. Thesis, Rijksuniversiteit de Groningen.
- WHITE, T.D.; FOLKENS, P.A.
 2000 *Human Osteology*. 2 ed. San Diego, California: Academic Press.
- WHITE, T. D.
 1992 Prehistoric Cannibalism. Princeton: Princeton University Press.
- WILDER, H.H.; WHIPPLE, R.W.
 1917 The Position of the Body in Aboriginal Interments in Western Massachusetts. *American Anthropologist*, Lancaster, 19 (3): 376-380.
- WILDER, H.H.
 1905 Excavation of Indian Graves in Western Massachusetts. *American Anthropologist*, 7 (2).
- WRESCHNER, E.E.
 1980 Ochre and Human Evolution: A Case for Discussion. *Current Anthropology* (shorter contributions), 21 (5): 631-635.
- YARROW, H.C.
 1881 A Furter Contribution to the Study of the Mortuary Customs of North American Indians. *First Annual Report of the Bureau of (American) Ethnology for 1880-81*. Washington: 87-203.

Recebido para publicação em 23 de setembro de 2006.